

Sem Receita

Por Priscila Gontijo¹

A 33^o edição do Festivale trouxe ao palco do teatro do Sesi, de São José dos Campos, na noite de quinta-feira, 06 de Setembro de 2018, o espetáculo *A Receita* de Jorge Andrade, dirigido por Roberval Rodolfo, como parte integrante dos 30 anos de jornada do Núcleo de Artes Cênicas do Sesi-SP.

Aluísio Jorge Andrade Franco (Barretos SP 1922 - São Paulo SP 1984) é um dos mais expressivos dramaturgos paulistas e brasileiros e retrata com grande poesia cênica diversos panoramas da vida ligada à herança cafeeira; dedicando-se, posteriormente, a temas contemporâneos a sua época e ligados à vida metropolitana. O autor traz para a cena profundas observações da cultura do meio rural, especialmente sua derrocada e adaptação ao meio urbano. Essa é a fonte de conflitos que atravessa a maioria de suas criações. O crítico Anatol Rosenfeld escreve que o dramaturgo Jorge Andrade “acrescenta à visão épica da saga nordestina a voz mais dramática do mundo bandeirante”.

A receita é escrita para a Primeira Feira Paulista de Opinião, em 1968, caracterizada caracterizada como ato de resistência contra a Ditadura Civil-Militar, instaurada em 1964, e contou com encenação de Augusto Boal (1931-2009).

O espetáculo exibido no 33^o Festivale do Núcleo de Artes Cênicas de São José dos Campos reflete sobre a miséria – em sentido amplo, para além da precariedade material – retratada na obra homônima de Jorge Andrade e traz à tona a liberdade de experimentação, em uma composição interdisciplinar.

¹ Crítica do 33^o Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

.....

A *Receita* abre as portas para o encontro de realidades culturais e sociais totalmente opostas, colocando em contato um médico que terminou a faculdade há pouco tempo e um universo de miséria: miséria nas relações, miséria nas ações, miséria nos sentimentos. O choque cultural acentua-se, quando a família projeta o Médico como o grande salvador da situação: o filho mais velho, Devair (Rosalvo Carvalho), arrimo de família, está com a perna gangrenando devido a um estrepe/espinho que penetrou no pé. O texto serve de disparador para toda a criação do espetáculo, instaurando um ambiente onde se entrecruzam diversas linguagens para compor um espetáculo híbrido. A dramaturgia de Jorge Andrade é o centro de ação do qual irrompe alguns atravessamentos que dialogam com a contemporaneidade. A começar pelo cenário, um andaime montado ao fundo do palco, que serve de metáfora para uma cidade que parece estar sempre em construção. No espaço superior do andaime, vemos quatro músicos, que além de tocarem diversos instrumentos de percussão, de sopro e de corda, também cantam e declamam textos, como os de Darcy Ribeiro sobre educação (lido por uma das atrizes no celular) aliados à frases reivindicativas e feministas: “Por todas as mulheres do Brasil, Marielle presente, respeita as mina, porra!” criando, dessa forma, um clima de sarau poético.

Ao iniciar o espetáculo, os músicos (Julie Centeno, Jennifer Vieira, Ana Clara Soares e Victor D’Angelo) dão as boas-vindas ao público apresentando uma espécie de *pout-porri* em que emendam diversas músicas brasileiras, em diálogo com o tema da miséria. O *pocket show* vai desde Raul Seixas (*Aluga-se*) até Skank (*Pacato Cidadão*) passando por As Meninas (*Xibom Bombom*), Nina Oliveira (*Dandara*), Tribalistas (*Um só*) e outros, e consegue inaugurar uma atmosfera de alegre provocação cênica em diálogo com o texto de Andrade.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

Esse potente começo me fez pensar em algumas formulações elaboradas por Renato Ferracini na palestra sobre o tema deste 33^o Festivale, a saber, o de “Inquietações Cênicas”, sobre a postura ética que amplia a capacidade afetiva de todas as partes envolvidas em um corpo. Essa potencialização afetiva – quando um ou mais corpos se encontram e há uma potencialização de mundo – ecoa no espetáculo através da conjugação de vozes, que num caleidoscópio sonoro poético confraterniza público e artistas da cena. Segundo Spinoza, a rede afetiva é a que importa. A postura ética da alegria é política porque coletiva. O corpo cênico do espetáculo *A receita* é politicamente alegre, no sentido em que multiplica visões de mundo e pressupõe uma postura criativa perante o mundo a partir de multilinguagens.

O elenco de 23 pessoas se divide entre a execução da trilha sonora e a representação das personagens da obra, que retrata a função social do conhecimento e da exploração do ser humano pelo ser humano. Retornando mais uma vez a Spinoza e a palestra de Ferracini, lembramos que o conhecimento se dá pela experiência, pelo conhecimento empírico, na capacidade que um corpo tem de afetar e de ser afetado, de se abrir para o mundo. Quando a cena está aberta ao texto nas suas potencialidades de devir cênico, ela nunca se esgota, está sempre em movimento, como acontece no espetáculo apresentado pelo grupo.

A encenação propriamente dita do texto de Jorge Andrade – que surge como o cerne da representação – convoca diversos atores e atrizes a se revezarem em algumas personagens redimensionando as singularidades de cada uma delas. Merece destaque a interpretação da personagem da Mãe representada por duas atrizes: Dina Mary e Maria Tereza Fernandes. É importante reconhecer também a pungência da cena final, onde vemos as três atrizes (Ana Machado, Gabriela Santos e Giovana Carneiro) se

¹ Crítica do 33^o Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.

alternando na representação da irmã autista de Devair, Carlinda, dançando ao redor da cama do doente, antes do desfecho aterrorizante.

O tom melodramático impresso nas cenas familiares, às vezes, oscila nas interpretações, por conta dessa alternância de atores, revelando alguns mais e outros menos experientes e perdendo, em alguns casos, em densidade dramática. Porém, de forma geral, o elenco se mostra apropriado do processo de criação em que temas como o papel social feminino, a função do trabalho rural, a exploração dos mais pobres, a prostituição e a precariedade da função de médico no Brasil, irrompem na cena. Os intérpretes permanecem o tempo todo no palco e o fato de existir esse revezamento entre eles colabora para a contemporaneidade temática e formal do espetáculo. O figurino dos intérpretes, que mostra a bandeira do Brasil manchada de sangue, revela essa nação que está gangrenando. O coro – belíssimo – pontua a narrativa.

A encenação, de cunho social, dialoga com o momento presente, muitas vezes através de discursos panfletários, mas não fecha o drama em si mesmo por conta da multiplicidade de linguagens, acentuando que não há resposta pronta para a desigualdade social brasileira e para a crise atual, nem no texto de Andrade e nem na encenação do Núcleo de Artes Cênicas, mas, longe de eximir-se da responsabilidade, o grupo amplia o debate reconhecendo que, sem receita, ganha-se em possibilidades de ações.

¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.



33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO



¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.



33º FESTIVALE

FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO



¹ Crítica do 33º Festivale. Pesquisadora, professora, dramaturga e escritora. É mestranda em Literatura e Crítica Literária, onde desenvolve pesquisa na área do drama moderno e contemporâneo. É licenciada em Literatura Portuguesa e Francesa e atuou como artista orientadora em teatro do Programa Vocacional.